

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Motta em campanha

O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), tem um comitê de campanha montado para mais dois anos no comando da Casa. Falta combinar com o PL, que, até aqui, não dá sinais de querer abrir mão da perspectiva de ter a Presidência da Casa.

Hora de aparar arestas

Ex-presidente da Câmara, o senador eleito Arthur Lira (PP-AL) já esteve com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP). A ordem entre eles é deixar as rivalidades no passado. Afinal, estão na mesma federação partidária, a União Progressista, que une seus partidos.

Muita calma nessa hora

A conversa, porém, ainda não chegou ao ponto de fechar qualquer acordo em torno da Presidência da Senado. Tudo será feito depois da eleição presidencial, sobre a qual os profissionais mantêm cautela e evitam o “já ganhou”.

Por falar em Presidência do Senado...

Coordenador da campanha de Flávio, o senador Rogério Marinho (PL-RN) avisou aos seus aliados que quer ser candidato a presidente do Senado para, logo na largada, abrir o processo de impeachment do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Embora o discurso vá contra a tal pacificação tão propalada na campanha, Marinho faz questão de apitar essa largada.

Uma emenda pronta para ir ao plenário

Crescem no Senado as articulações para votar, ainda este ano, a proposta de emenda constitucional (PEC) do senador Marcelo Castro (MDB-PI) cujo texto prevê que prefeitos e vereadores eleitos em 2028 tenham seis anos de mandato, de forma a tornar as eleições municipais, estaduais e federais coincidentes em 2034, com aumento dos mandatos para cinco anos. “Foi aprovada por unanimidade na Comissão de Constituição e Justiça e está pronta para ir ao plenário”, comentou o senador piauiense. “Eleição de dois em dois anos é um desgaste desnecessário para o país”, frisa.

A última possibilidade de reeleição seria em 2030. Ou seja, se Flávio Bolsonaro for eleito agora, teria direito, por essa proposta, a concorrer a um novo mandato. Lula, como já é candidato à reeleição, não poderia.

A emenda de Castro é a base para as discussões neste momento. Porém, para passá-la ainda este ano falta muito, uma vez que precisaria ser aprovada no Senado e seguir para a Câmara. Mas a vontade de aprovar o fim da reeleição, como o leitor já sabe, existe. E reza a tradição que quando há vontade política, os parlamentares conseguem fazer até elefante voar.



Essa PEC já esteve para votar algumas vezes, mas não se chegou a um acordo no plenário.

Não repita Lula/ Aliados de Flávio têm dito que, se ele vencer, não deve aceitar ser candidato à reeleição em hipótese alguma. Afinal, o presidente Lula disse lá atrás, em 2022, que não concorreria a um quarto mandato e terminou candidato.

CURTIDAS

A aposta deles/ Os bolsonaristas já fizeram chegar ao comitê de campanha de Flávio que, se o fim da escala de trabalho 6 x 1 for a votação, passa.

A fila dos apartamentos/ Os senadores estão ávidos não só por gabinetes, mas, também, por apartamentos funcionais. Muitos foram avisados para ficarem mais calmos, porque o mandato dos atuais senadores vai até 31 de janeiro. É preciso esperar.

Edilson Rodrigues/Agência Senado



O arriar da mala/ O barraco entre o ministro Guilherme Boulos (foto) e o deputado eleito Lucas Pavanato (PL-SP) no Aeroporto de Brasília foi considerado, tanto pelos petistas como pelos bolsonaristas, como uma demonstração de que a tal pacificação do país não virá. Pavanato berrava que teve três milhões de votos, gritava “chupa”, que colocaria Boulos na cadeia — e por aí vai. Isso foi visto pelos próprios aliados de Flávio como um sinal de que os bolsonaristas não saberão ser grandes na vitória.

O que eles pensam/ Jair Bolsonaro conseguiu vencer duas eleições sem falar nada. A primeira foi em 2018, quando sofreu uma facada. Agora, é o filho 01, que chegou na frente de Lula para esta temporada de segundo turno de 2026. Se o Zero Um do ex-presidente vencer dia 25, brincam os bolsonaristas, o ex-presidente pode pedir música no *Fantástico*.



Lula na Ceilândia: “Vamos ganhar”

Presidente afirma que o país não voltará a ser governado pelo fascismo nem pelos “que roubaram R\$ 12 bilhões do BRB”

» MARIA BEATRIZ GIUSTI

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) retomou a campanha, ontem, com uma passeata na Ceilândia (DF), ao lado do candidato ao Governo do Distrito Federal pelo PT, Leandro Grass. Durante o ato, o chefe do Executivo percorreu o centro da cidade em carro aberto, sob sol forte, e enfatizou sua confiança na reeleição, no próximo dia 25.

“Eu queria que vocês tivessem a certeza do seguinte: nós vamos ganhar esta eleição”, declarou aos apoiadores. Ele criticou o governo de Jair Bolsonaro pela condução da pandemia de covid-19, que provocou mais de 700 mil mortes. “Podem ficar certos de que este país não voltará a ser governado pelo fascismo. Não voltará a ser governado por aqueles assassinos de milhares de pessoas na covid-19”, afirmou.

Sem citar nomes, Lula também mencionou o escândalo envolvendo o Banco Master e o BRB para criticar a oposição. Segundo ele, o país não pode ser governado por pessoas ligadas ao banqueiro Daniel Vorcaro e às suspeitas de fraudes financeiras. “Este país não será governado pelo Banco Master. Este país não será governado por aqueles que roubaram R\$ 12 bilhões do BRB”, enfatizou.

O escândalo estourou em novembro do ano passado, quando Vorcaro foi preso por suspeita de fraudes financeiras envolvendo a venda de carteiras de crédito ao BRB. Segundo a Operação Compliance Zero, o valor estimado das transações suspeitas entre os dois bancos é de R\$ 12,2 bilhões.

Soberania

Lula defendeu a soberania nacional e criticou setores que, segundo ele, buscam apoio dos Estados Unidos para explorar as riquezas brasileiras. A fala destacou o

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Lula no primeiro ato de campanha do segundo turno: “Essa é a passeata daqueles que querem prender os ladrões do BRB”

» Fim da 6 x 1

Na caminhada em Ceilândia, o presidente Lula reiterou a defesa do fim da escala 6x1, proposta que tramita no Senado. “Esta é a passeata que quer reduzir a jornada de trabalho, para as pessoas trabalharem cinco dias e descansarem dois, fim da escala 6x1”, ressaltou. O chefe do Executivo disse ainda que o ato era voltado aos que “amam a bandeira verde e amarela do Brasil”, enquanto seus opositores “amam a bandeira americana”.

projeto Brasil Soberano e reforçou a defesa dos recursos nacionais.

“Do lado de lá, estão aqueles que querem, junto aos americanos, vir implorar para se apropriar das riquezas daqui. Nós queremos dizer ao Bolsonaro: o Brasil e as riquezas do Brasil são do povo brasileiro. E aqui ninguém toca”, disparou.

Ele destacou a importância dos debates eleitorais na televisão e na internet durante a campanha. Ao comentar sua presença nas redes sociais, brincou: “Eu agora estou virando o rei das selfies, estou

virando agora um internauta”.

Nesse período, a estratégia da campanha é intensificar a participação do presidente nas redes sociais, inclusive com vídeo selfie, e focar nos debates. No primeiro turno, nem Lula nem o adversário direto, Flávio Bolsonaro (PL), participaram de debates na televisão. Os próximos estão previstos para o dia 18, na TV Band, e dia 23, na TV Globo.

No primeiro turno, Lula ficou atrás de Flávio por pouco mais de dois milhões de votos. Com 100% das urnas apuradas, o



Podem ficar certos de que este país não voltará a ser governado pelo fascismo. Não voltará a ser governado por aqueles que deixaram morrer milhares de pessoas na covid-19”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

senador teve 56,1 milhões de votos (47,03%), e o presidente, 53,8 milhões (45,16%).

Também em discurso aos apoiadores, Grass ressaltou a continuidade de políticas federais nas áreas de educação e saúde. “É a energia da vontade de mudar, mudar Brasília, melhorar o Brasil, a gente continuar avançando o país com Pé-de-Meia, com escola integral, com Mais Médicos, com Farmácia Popular”, frisou.

Hoje, o presidente seguirá com a agenda de campanha em Natal, onde participará de uma passeata.